

Carlos J. Pessoa

TRÊS

TEXTOS

EXCÊNTRICOS



2018

**Lília Lopes**

**Nuno Nolasco**

**Nuno Pinheiro**

**Panagiota Apostolidou** (Grécia)

Figurinos e Cenografia **Sérgio Loureiro**

Música, Desenho e Operação de Som **Daniel Cervantes**

Desenho e Operação de Luz **Nuno Samora**

Apoio Técnico **Manuel Abrantes**

Vídeo **Eduardo Pessoa**

Direcção de Produção **Maria João Vicente**

Produção e Comunicação **Carolina Mano**



## RAIDE

O asfalto rebrilhava sob a incidência solar das 7h da manhã, cintilações matutinas, espécie de céu rápido na trepidação visual de micas, quartzos e feldspatos celebrando esse caminho tantas vezes repetido.

Vamos para onde?

Um raide a Trás-os-Montes!

Sempre a mesma merda! Perdeste as botas para lá do sol posto e ainda não mudaste o calçado!

*Birkenstork!*

O quê?

*Birkenstork!*

Pois, fia-te na virgem e não corras!

O que é que estou a fazer? A correr, não é!

Devias gastar mais solas e menos pneus!

E se fossemos a Nisa?

Depois acordei no meio da neve, em plena Torre no alto da Serra da Estrela. Como fora isso possível? Estava de *sabrinas*, nem consegui sair do carro, um frio de rachar, percebem? Queria fazer-me uma surpresa, mas só me conseguiu irritar! Ainda assim gostava dele, podia ser pior...

Escorregámos, literalmente, pelo piso congelado em direcção a Manteigas, nessa noite não fizemos sexo...

Pus-me a pensar: afinal porquê tanta inquietação? Porque é que não ficas em casa, sentado no sofá a ver televisão?

Não sei.

Já viste televisão demais? Como te compreendo!

Quando tínhamos um carocha íamos em Agosto ali para a praia do Abano, junto ao Guincho, cheirava a urze, um odor intenso provindo da vegetação rasteira, que debatia com a inclemência solar, os cânticos das cigarras e o abismo das escarpas, a marca dominante na celebração dos dias longos.

Mais gelado do *Santini*, menos gelado do *Santini*; quando começamos o namoro era só *Santini* e melancia!

Matar a sede de um bernal de cortiça e pensar num mergulho, até ao fundo do mar, até aquela zona secreta onde os pulmões se tornam guelras e nada parece intimidar os golfinhos.

Mar tão salgado que dói nos olhos!

Sim, recordo-me de ti, de me dizeres num café do Príncipe Real, por entre cervejas, descafeinados, refrigerantes e outros vestígios de borgas passadas, debaixo daquelas árvores seculares, seguramente monumento nacional...

A viagem!

A viagem?

Sim, pá, a viagem é a tua característica. O teu estilo! O teu estilo é *voyageur*!

Pensei que fosse *voyeur*, ao menos não me ficava pelos aperitivos... A minha característica? O meu *style*? E a dos suíços? Relógios e chocolates? A dos franceses é a revolução? A dos ingleses o mar? E a dos turcos, toalhas de banho? Tanta treta, Santa Mariana, mãe dos judeus!

Ceámos coelhos à caçadora nessa noite, com batatas cozidas, mas a bem dizer nunca tinha dado um tiro, embora tivesse muita estimação pela Remington, herança do meu avô, não a máquina de escrever, mas a caçadeira.

Caçar com as palavras, caçar com chumbos de cartuchos de caça...

Há pelo menos a diferença na factura de sangue, quanto à selvajaria não tenho tanta certeza. Já morri e matei tantas vezes numa folha de papel que perdi a conta aos massacres.

É tudo ficção, pá!

Assim seja para alívio das boas consciências. Quantos às más talvez valha a pena repensar o assunto.

Explicas ou complicas?

Mais a segunda, torna a vida mais rica e a expectativa menos enfadonha, ao menos acutilância, curiosidade, e brilho, não é?

O passado pode ser um vinho amadurecido, peixe seco ao sol, compotas da avó ou até um soalho de madeira. Concordas?

Não tenho uma prioridade definida, debruço-me sobre o passado nas suas diferentes manifestações, um pouco ao acaso, desfrutando a vida no que ela me pode dar de encorajamento e bondade. O passado acorda, motiva, e permite compreender, desde que não paralise,

há inúmeros casos disso!

Já os sonhos são antecâmaras do futuro, uma espécie de mesa de adivinhação, um teatro de operações potencialmente perigoso pelo modo como se arquitectam conspirações, manobras de diversão, assaltos e sabotagens.

Ui!

O futuro é um campo aberto na batalha dos sonhos.

Há que ganhar a qualquer preço!

Nem tanto, talvez...

Porquê?

À sobrevivência não basta a *sobrevivência*, é sabido!

Um rosto inocente como o da Teresinha pedindo lascas de atum com vinagre balsâmico, "papa, mais papa!"

Sorriso irresistível!

Caramba, como é que uma bebé de dois anos e meio gosta tanto de atum com vinagre balsâmico?

Bem, os esquimós gostam de coração cru de morsa, parece que é uma *delicatésse*...

Uma predilecção, um afecto desenhado com a musculatura expressionista da *Expulsão do Paraíso* do Miguel Ângelo, arrasta-nos sem remédio para a contemplação, para o recato, para a mínima expectativa, torpor nostálgico, tão carente como um bebé de colo, de quem se avizinha de uma carícia há muito desejada, em silêncio.

A dor na escrita é inevitável, como um parto, um dar à luz que tem tanto de júbilo como de sacrifício, uma súbita medida de esperança...

"A mãe já vem, não te preocupes!"

Um sorriso, talvez, e tu, desta vez, neste raide, não pareceres ter pressa.

Resolvemos partir nesse dia 10 de Junho de 2016 à procura de máscaras, ali para os lados de Vinhais, na aldeia de Ousilhão. Caçadores de máscaras, portanto, caretos, na gíria transmontana.

Sete horas de viagem para lá, sete para cá, em Beringel, no Baixo Alentejo. Catorze horas apesar das boas estradas, dos itinerários, da voz iniludível da Amália do GPS, desses pequenos confortos que aparentemente tornam tudo mais fácil quando a coisa é bem mais complicada do que parece.

Qual a racionalidade de catorze horas de viagem para adquirir máscaras à Rosa Lambona, uma viúva gananciosa de oitenta anos a viver das sobras escultóricas

“Um lindo artesanato, não haja dúvida!”

do marido morto recentemente na queda de um tractor, lá nas serranias vertiginosas entre Ousilhão e Nunes!

Eu quero lá saber do Esteves, da Rosa Lambona, sequer das máscaras!

Só me apetecia esganar a velha quando começou a regatear o dinheirinho! Aquilo foi coisa que lhe disseram, para chupar a malta até ao tutano!

Lambona da velha!

Interessava-me porém aquele prenúncio de salto, naquela máscara em particular com uma raposa a saltar da cabeça do rosto atónito, lembrava o perfil e a dinâmica de um qualquer lançador primitivo num gesto de caça. Sim, o Esteves era um artista na verdadeira acepção da palavra, na capacidade de *fazer* o tempo e o espaço convergirem numa peça viva, que depois de acabada continua a esculpir, neste caso o sentido profundo da existência: o salto, o lance, o tiro, a palavra, e zás!

Talvez seja este o nosso dia!

Este o nosso dia? Que tédio...

Paz à tua alma, Esteves!

Eu se pudesse tinha voltado para trás! Ainda tentei perceber se havia por ali uma paragem de autocarros. Há por aí algum aeroporto? De avião é que é! Só de avião! Eu até voltava para casa de submarino.

Como?

Pelo interior de Portugal abaixo? Pois claro, o que é que estas à espera?

Nada.

Apanhava o submarino nas Portas de Rodão e era descer pelos rios subterrâneos do alto Alentejo.

Rios subterrâneos?

Sabe-se lá o que se esconde debaixo da terra à espera de ser descoberto

Resgata-me da prisão do esquecimento, amor!

Diz-me como éramos, diz-me como éramos.

Para sempre,

como no romance do Virgílio Ferreira.

Tive sono a uma certa altura da viagem, lembrei-me de tudo e mais alguma coisa para passar o tempo, naquele raide interminável, pensei na Maria Teresa e na viagem que fizera com os franciscanos a Santiago de Compostela.

Há sempre uma conversão religiosa tardia em muitas mulheres de idade, já a minha tia Natália passava a vida em casa do padre em acções de caridade.

Afinal o Natal não é sempre que uma mulher quiser, mas mais quando uma tia envelhece e tem medo que o além a castigue.

Esse medo antigo sempre foi mobilizador de grandes obras.

Será o medo que me mobiliza para a viagem?

Maldito raide que nunca mais acaba, 14 horas a andar de carro com uma paragem para almoço, bem miserável, por sinal, num restaurantezeco em Vinhais, carne descongelada à pressa sem sabor nem graça!

Tudo em modo de:

*azar do caraças*

*dia não*

*porque é que me fui meter nisto*

*devíamos ter ficado em casa*

*nunca mais aprendes*



*não volto a fazer isto*

*etc.*

*etc.*

E um rol que nunca mais acaba de reprimendas!

Vá lá, não batas mais no ceguinho!

Ceguinho de merda, isso sim, nunca mais “aprender” o quê?

O nome daquelas giestas floridas em línguas de amarelo girassol na curva da estrada?

O nome a dar ao cheiro a alfarroba no Algarve?

Aquele mar onde a fome esculpia o teu corpo adolescente numa súplica de amor e devoção; uma ameaça também, nos teus dentes lisos, salientes, edificações de uma brancura devocional, como te chamavas?

Eterno amor de Charles Bronson, Guiné-Bissau, e tu, rapariga, calcorreando o areal tórrido, seios pequenos como alperces, ainda parente afastada, prima, talvez,

“a consanguinidade foi a desgraça dos Romanov, a consanguinidade foi a desgraça dos Romanov!”

E nunca mais te ver, Anastácia da Meia-Praia...

Podíamos ir à conquilha, apanhar as bolas de golfe perdidas pelos ricos!

Tanta fortuna, meu amor, e tu com a tua letrinha tosca, mas honesta... vá-se lá perceber isto!

Moçambique, a ilha de Moçambique o Grabato, o Eugénio

Lisboa muito irritado, a Maria de Santa Cruz, histérica, a barafustar contra o machismo dos homens, as vidas perdidas e achadas, a descolonização, a ponte Salgueiro Maia, atravessada enquanto mijava para dentro de uma garrafa por não aguentar mais...

O Abílio a apanhar melanoma no Bonanza, o veleirozito ali estacionado na doca de Alcântara

Corridas até à Azóia, correr atrás de ti, vestida com o blusão de cabedal vermelho, encosta abaixo...

E nunca mais, nunca mais voltares a dar notícias, meu querido Gil.

O dono do Tapilarila?

Não sabem quem é o Tapilarila?

É um cãozinho de estimação, muito habitual no colo de senhoras carentes, tipo tapete de pêlo, percebem?

Um caniche?

Não, um *tapis*, tapete em francês (!), larilas como não podia deixar de ser, para não perturbar o matrimónio de senhoras recatadas e muito fiéis, mas ainda assim com necessidades, digamos assim, mais que não seja de um certo... atrevimento verbal, picante quanto baste, no gineceu dos chás e bolachinhas ao final da tarde.

Tanta ternura Tapilarila!

Persigo-te de novo, Gil, navegador antigo, com um arpão de caça submarina para me trazeres de volta esses tesouros, esses sacrários, essas relíquias de além-mar, galeões onde sonhámos quase tudo para sobrares estes restos, estes





## CARLOS J. PESSOA

Nasceu em Lisboa, em 1966. Tem o Curso de Formação de Actores da Escola Superior de Teatro e Cinema e a Licenciatura em Teatro e Educação pela mesma escola, onde é professor e coordenador pedagógico-artístico do Mestrado em Teatro, especialização em Encenação. Tem o título de Espe-

cialista em Teatro – Encenação, atribuído pelo Instituto Politécnico de Lisboa. Fez a pós-graduação e o curso de doutoramento em Ciências da Comunicação, Variante Comunicação e Artes, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. É co-fundador e Director Artístico do Teatro da Garagem. Desde 1989, foi o autor e encenador da quase totalidade dos 91 espectáculos que a Companhia apresentou. Tem publicadas as peças *Cidade de Fausto*, *Café Magnético*, *Pentateuco-Manual de Sobrevivência para o Ano 2000* (ciclo de 5 peças), *A portageira da Brisa*, *7 Crónicas de Natal para um autógrafo*, *Ácido*, *À procura de Júlio César*, *Rosa da Mouraria*, *Mágoa*, *A Morte de Danton na Garagem*, *Comédia em 3 Actos*, *Teatro-Clip*, *Tartarugas & Lebres*, *On the Road ou A Hora do Arco-íris*, *ODISSEIA CABISBAIXA: António e Maria*, *ODISSEIA CABISBAIXA: A Bela e o Menino Jesus*, *O Elevador*, *Horizonte Babel*, *Snapshots*, *O Mundo em que vivemos*, *Recusa*, *Mediatron*, *O dia em que resolvi ir ter com o Pai Natal*, *Finge*, *Cromotografia*, *Festas de Garagem*, *Teatro Twitter* e diversos artigos sobre teatro.

Prémios e distinções: Menção Honrosa do prémio Madalena de Azeredo Perdigão pela encenação de *A Cidade de Fausto* (1992); prémio Texto de Teatro do Teatro na Década, do Clube Português de Artes e Ideias, por *Café Magnético* (1993); Prémio CyberKyo99 – Género Drama, pela peça *Desertos / evento didáctico seguido de um poema grátis* (2000); Menção Especial da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro pelo espectáculo *Circo* (2003); Prémio Melhor Texto Original Português do Guia dos Teatros pelo texto *On the Road, ou a hora do arco-íris* (2009); nomeação do texto *Finge* na Categoria de Teatro – Melhor Texto Português Representado, para o Prémio Autores atribuído pela SPA-Sociedade Portuguesa de Autores (2014); o texto *Ela Diz* foi selecionado pelo Comité Português do EURODRAM - Rede Europeia de Tradução Teatral em 2016.



COMPANHIA  
DAS ILHAS

coleção azulcobalto | teatro

direcção de Rui Pina Coelho e Carlos Alberto Machado

assistência editorial de Sara Santos

TRÊS TEXTOS EXCÊNTRICOS [ DISPLAY | ELA DIZ | RAIDE ]

de Carlos J. Pessoa

Edição **132**

azulcobalto | teatro **021**

1ª Edição **Maio de 2018**

1.ª Tiragem **500 exemplares (Maio de 2018)**

Paginação **companhiadasilhas.pt**

Design **milideias.pt**

Créditos fotográficos **Marília Maia e Moura** (autor, capa, Display e Ela Diz)

**Cansu Saka** (Raide)

Impressão e acabamentos **Europress, Lda.**

Depósito legal **434445/17**

ISBN **978-989-8828-39-2**

Apoio à Edição **Direcção Geral das Artes**